

Sarney reexamina a indicação do líder

Josemar Gonçalves

Lúcia Toribio

O presidente José Sarney poderá recuar na sua decisão de indicar um líder do governo para defender a posição do Poder Executivo na Assembleia Nacional Constituinte. Se até meados desta semana ela já era tida como certa e as discussões se centravam na escolha do nome mais indicado para exercer a função, a repercussão negativa que a notícia provocou entre os parlamentares, tanto do PMDB quanto do PFL, fizeram com que o presidente resolvesse reexaminar a questão.

A repercussão da idéia dentro do Congresso mostrou ao presidente que o líder, que se pretendia ser a garantia do Palácio do Planalto ter voz e voto no plenário da Constituinte, era uma faca de dois gumes. Se ganhasse a fidelidade de alguns parlamentares, que se submetteriam à liderança do «homem do presidente», perderia o comprometimento de outros com a posição governamental. O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, já declarou que se sentirá «mais à vontade» para discordar do governo se houver outro líder atuando, suprapartidariamente na Casa. No «cafezinho» da Câmara já virou piada o comentário de que, se o presidente tem a prerrogativa de colocar por conta própria um porta-voz no Legislativo os parlamentares deveriam escolher seu homem para atuar no Palácio do Planalto.

Com tudo isso, as discussões voltam à estaca zero e são reexaminadas pelo trio Sarney-Ulysses-Maciél. Ontem, o ministro-chefe do Gabinete Civil voltou a defender a criação do líder, com argumentos históricos e lembrando a importância da Assembleia Nacional Constituinte. Tratar o assunto como «lobby» do governo no Congresso, Maciel considerou pejorativa, mas não negou a necessidade do presidente ter quem defenda suas idéias junto ao Legislativo. Além do mais, argumentou ainda o ministro, os líderes do PMDB e do PFL, com a atuação simultânea da Câmara, Senado e Constituinte, ficariam sobrecarregados de trabalho, outra justificativa para «o homem a mais».

Presidente diz ter esperanças numa boa Carta

«A democracia é o regime da lei e não o regime dos homens», disse ontem o presidente Sarney, em seu programa semanal «Conversa ao Pé do Rádio», depois de afirmar que, como presidente e como cidadão, espera que a Assembleia Nacional Constituinte faça uma boa Constituição para o Brasil. «Que os constituintes se dediquem a essa tarefa», destacou, concluindo com mais um desejo: «Que ela seja uma fonte de estabilidade para ajudar a vencer os nossos problemas».

«A Constituinte foi convocada justamente para completar a restauração do estado de direito que, com tanta dificuldade, nestes dois anos, todos nós estamos construindo — governo e povo», enfatizou o presidente para seus ouvintes de todas as sextas-feiras, completando que devemos confiar nos nossos constituintes, «em sua sabedoria e em seu espírito público».

Além da Constituinte, o presidente Sarney falou sobre a prioridade do governo para os problemas sociais e informou que determinou, esta semana, a elaboração de um programa destinado a enfrentar o problema das favelas, dos favelados de todo o Brasil. Segundo disse, as populações das favelas serão ouvidas na elaboração do programa e terão contatos com os técnicos para a busca de soluções que conciliem as necessidades dos favelados com as possibilidades de ação do governo.

Deputado afirma que Constituinte está improdutiva

«Vim da iniciativa privada e estou estranhando muito. Ali, usando uma linguagem esportiva, é bola na rede. Aqui é só jogo para o meio de campo». A afirmativa é do novo deputado federal por Pernambuco, empresário Gilson Machado, eleito pelo PFL. Ex-presidente do Sindicato dos Produtores de Açúcar de Pernambuco, Gilson está achando que os primeiros dias de Funcionamento da Constituinte estão sendo marcados por discussões longas, pouco produtivas e, principalmente, por muita gente que deseja jogar para a torcida: «O deputado vem para o microfone, faz um discurso violento, exige posições, para depois acertar o que realmente deseja nos gabinetes».

Enquanto isso a nordestina Moema Santiago, (PDT-CE), acha que o rendimento é pouco, mas que era o esperado, principalmente enquanto os temas mais polêmicos não começam a ser debatidos. Com a aprovação das normas e a posterior aprovação do regimento, a Constituinte tomará outro rumo e vai mostrar sua força.



Senador Mário Covas anunciou que não se submeterá a um líder do Governo

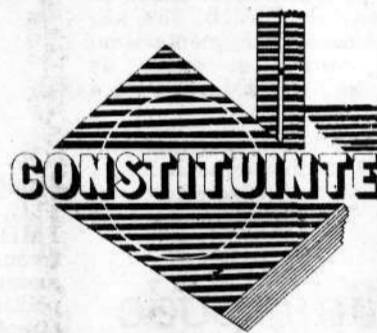
Consultas desaconselham escolha

O presidente José Sarney talvez designe na segunda-feira um líder do governo no Congresso Nacional. O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, vai desaconselhar a indicação, pois as consultas que fez em seu partido, a pedido do próprio Sarney, revelaram uma ampla rejeição a qualquer tipo de liderança que não seja previamente submetida às bancadas parlamentares. Continuam bastante cotados os nomes dos deputados Prisco Vianna e Carlos Santana, ambos da Bahia. Prisco é o favorito, caso o Presidente da República insista na designação, mesmo contra a vontade do PMDB. Santana tem contra si o fato de ser candidato na reunião da bancada na terça-feira. Sua escolha seria interpretada como uma ingerência do Planalto na disputa interna no partido.

O deputado Luiz Henrique, tido como o favorito na preferência da bancada do PMDB, esteve ontem pela manhã com o presidente Sarney, que lhe revelou sua tendência pela indicação de um líder do governo no Congresso. E justificou: «Isto faz parte da tradição democrática no país». Sarney, segundo Luiz Henrique, descartou qualquer possibilidade de designar um líder para a Constituinte, como chegou a ser anunciado pelo ministro Marco Maciel, esclarecendo que isso significaria uma equivocada ingerência na soberania da Constituinte.

Corre entre os políticos do PMDB a versão de que Sarney estaria convencido da vitória de Luiz Henrique na bancada e quer se antecipar à sua eleição indicando seu próprio líder. Isto porque Luiz Henrique, por ser da corrente progressista do PMDB, não seria suficientemente confiável à estratégia política do Planalto, que encara a Constituinte com desconfiança e receio.

No final da tarde, Ulysses Guimarães chamou Luiz Henrique a seu gabinete. Até então, ele era o único candidato que não tinha comentado o mérito de uma possível indicação de um líder por Sarney. E se manifestou: «O líder, para ter força, para canalizar a vontade da bancada, tem neces-



sariamente que ser eleito. Só a eleição dá esta legitimidade».

Para Luiz Henrique, a intenção do governo é de recriar liderança no Congresso, «experiência que fracassou com o senador Fernando Henrique Cardoso». Em sua opinião, tudo leva a crer que isto novamente não funcionará.

Os deputados João Hermann e Milton Reis, que esperam surpreender na bancada, obtendo votos suficientes para concorrer em um segundo turno, não são favoráveis à liderança do governo desvinculada do PMDB. Já Carlos Santana, um dos nomes cogitados por Sarney, teme que o cargo seja esvaziado se não tiver o respaldo da bancada. Prisco Vianna, que não está no páreo pela liderança do partido, enfrentará dificuldades entre os peemedebistas, já que até o início do ano passado era nada menos que líder do PDS, tendo antes acompanhado o deputado Paulo Maluf na sua fracassada tentativa de ser presidente da República.

Hoje, Prisco é um político ligado a Ulysses. Mesmo assim, se indicado, enfrentará muitas resistências no PMDB. É também um dos poucos políticos que gozam da absoluta confiança de Sarney. Escolhido, deverá desempenhar com discrição o seu trabalho, limitando-se a atuar como articulador e porta-voz do Planalto.

Ulysses viajou ontem, no início da noite, para São Paulo, onde assiste hoje a um casamento.

Covas assegura sua insubmissão

«Não me submeteria a um líder do governo na Constituinte», declarou ontem, em tom definitivo, o senador Mário Covas (PMDB-SP). Segundo ele, as lideranças governamentais só podem existir no Congresso ordinário. Por isso, lembrou que as normas preliminares de funcionamento da Constituinte instituem apenas a figura do líder partidário na Assembleia, cargo ao qual admitiu a possibilidade de concorrer, indicado, pelo PMDB.

Covas argumentou, ao criticar a idéia da criação da liderança governamental na Constituinte, que os líderes partidários terão função bem mais importante. Ele não acredita que os constituintes se dividam, formalmente, em blocos ideológicos para defender teses. De acordo com o senador paulista, a discussão intrapartidária terá influência maior na Constituinte.

Segundo o parlamentar, os deputados e senadores peemedebistas, por exemplo, terão de defender, durante a Constituinte, as teses e o programa partidários. «Além

disso, temos toda uma tradição e história de lutas que define nossa posição em relação a diversos temas» — frisou.

Quanto à possibilidade, aventada por candidatos à liderança do PMDB na Câmara, de que o deputado eleito para o cargo deve ocupar simultaneamente a liderança partidária na Constituinte — pois lidera 260 constituintes, contra os 45 de seu colega no Senado —, Mário Covas mostrou-se irritado ao respondê-la. «Líder na Câmara é dos deputados; no Senado, dos senadores, e da Constituinte, dos constituintes. São coisas distintas. E isso não é opinativo. É regimental» — salientou.

Para o senador paulista, o deputado Ulysses Guimarães, (PMDB-SP) deve se licenciar da presidência do PMDB, e explicou que a abertura de duas outras vagas na Executiva, a de primeiro e segundo vice-presidentes do partido, esses três cargos podem ser ocupados por qualquer um dos 120 membros do diretório nacional da legenda.

Ulysses não quis comentar idéia

O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, não quis comentar ontem a disposição do presidente Sarney de indicar um líder do governo na Constituinte. Ele informou apenas que começará a cuidar do assunto na segunda-feira, em conversas que terá com os candidatos do PMDB à liderança do partido.

Ulysses Guimarães não conseguiu ontem fugir dos assuntos administrativos da Câmara. Ele foi informado pelo diretor-geral, Ademar Sabino, que não existe espaço físico no Congresso para reunir os integrantes das cinco comissões previstas no Regimento Interno, já que cada uma teria mais de cem constituintes. Ulysses

prometeu encaminhar o assunto para o relator do regimento definitivo, que deverá ser o senador Fernando Henrique Cardoso, conforme anunciou, para que o número de comissões seja ampliado.

Ele recebeu ainda a bancada do PC do B na Câmara — deputados Haroldo Lima (BA), Aldo Arantes (GO), Edmilson Valentim (RJ) e Lidicida Mata (BA) — que foi pedir um gabinete para a sua liderança e melhores condições de trabalho nos gabinetes parlamentares.

Em conversa rápida com os jornalistas, Ulysses Guimarães voltou a manifestar preocupação com a formação de blocos parlamentares na Constituinte.